

País de merda! Eu só queria uma coisa, tê-lo aqui à minha frente e estrangulá-lo com as minhas próprias mãos. Meu Deus! Se eu o pudesse matar! Fez com que os assassinos atingissem as nossas matrizes e as tornassem ocas como túmulos, os porcos, são todos uns porcos! Por onde começar? Todos assassinos, todos, por causa deles sinto a necessidade do maior dos crimes, de um massacre sem fim, massacre sem fim... como é que nós resistimos aqui, como é que ainda não enlouquecemos com este cão, este garrote, este matadouro, esta força. Com os seus carrascos oficiais que fazem discursos oficiais nas cerimônias oficiais perante outros carrascos oficiais. Cada um dos seus poros é um estilete, cada uma das suas extremidades um punhal, cada milímetro da sua pele uma ratoeira, está coberto de facas cortantes, este covil de assassinos, de escroques, de imbecis, esta toca de covardes. Enterra-nos a cabeça na sua merda, nos dá coices furiosos, você nos arrebenta, nos estrangula, nos condena, você nos mata, vendida, estrume, canalha, envenenadora, ninho de víboras, cadela piolhenta, boêmia incestuosa que não faz mais que macaquear tudo, que só tagarela, bruxa, ave agourenta, já não te suporto, já não a suporto mais, a assassina infanticida, a pestilenta, a coxa, a vesga, o estorvo! Já não posso suportar nada mais dele, nada mais, nada mais, detesto-o, detesto-o, detesto-o, ah! Detesto, detesto, detesto, vou morrer, monstro, eu te odiarei sempre, sim, o ódio borbulha em mim, eu quero escrever hinos contrários aos que foram escritos até agora sobre ele, fuzilá-lo a cada palavra, enterrá-lo como um cão com as minhas próprias mãos... já não sou mais mulher... E você, você já não é homem... Ele nos levou tudo... Mas o que sobrará dele sem nós? A sua terra tomou a minha forma... O meu corpo tem agora as suas dimensões... Eu tenho em mim o seu destino... Morro como um país.

Dimitris Dimitriadis, *Morro como um país*

Morro como um país **A exceção e a regra**

Projeto da Kiwi Companhia de Teatro
Cooperativa Paulista de Teatro



COMPANHIA DE TEATRO

Programa de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo
JANEIRO 2012

Morro como um país

Apresentação

A montagem teatral **Morro como um país**, da Kiwi Companhia de Teatro, foi criada durante o projeto *Morro como um país – a exceção e a regra*, apoiado pelo Programa de Fomento ao teatro para a cidade de São Paulo. O trabalho realizou sua primeira temporada em São Paulo, no Sótão do Teatro Grande Otelo, nos meses de março e abril de 2013. Fernanda Azevedo foi indicada, por sua atuação nesta peça, como melhor atriz para a próxima edição do Prêmio Shell.

O roteiro utiliza, como algumas de suas referências, depoimentos de ex-presos políticos das ditaduras civil-militares na América Latina, documentos, músicas e vídeos provenientes da pesquisa histórica sobre este período. Utilizamos, ainda, trechos do texto literário do autor grego Dimitris Dimitriadis, *Morro como um país*, que dá nome ao projeto. O texto, em forma poética, trata da ditadura dos coroneis (1967-1974), um dos períodos mais violentos e repressivos da história grega. *Morro como um país* faz a investigação de diferentes formas de opressão e exploração, em diferentes épocas e lugares, dando sequência ao trabalho do grupo nos últimos quinze anos.

Esta montagem é também uma reflexão sobre a ditadura civil-militar brasileira, que em 2014 será lembrada pelos trabalhos da Comissão da Verdade e pelos 50 anos do golpe de 1964.

São parceiros deste projeto diversas organizações e movimentos, como o Coletivo Merlino, a Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos, o Comitê e a Aticulação Memória, Verdade e Justiça de São Paulo, a Comissão Estadual da Verdade de São Paulo "Rubens Paiva", a Defensoria Pública do Estado de São Paulo, o Grupo Tortura Nunca Mais SP e RJ, o Movimento Mães de Maio, o Cordão da Mentira e a Frente de Esculacho Popular.

O trabalho pretende dialogar com públicos diversos, com atenção especial aos jovens com idade entre 14 e 25 anos. Reunindo informações didáticas e criação poética, arte e reflexão social, estética e política, *Morro como um país* se soma aos esforços para pensar um projeto de nação em que as palavras como justiça e igualdade façam parte, de fato, do nosso cotidiano. Por isso estamos propondo, como complemento da temporada, a organização de conversas temáticas após as apresentações, com a participação de representantes das entidades e movimentos sociais que lutam por memória, verdade e justiça.

Estas atividades farão, simultaneamente, a reflexão política sobre o período e suas múltiplas implicações, e a discussão sobre a dimensão cultural e estética, destacando as capacidades e as limitações das ações artísticas como ferramenta de análise e intervenção social.

Kiwi Companhia de Teatro

www.kiwiciadeteatro.com.br / kiwiciadeteatro@gmail.com

(11) 97178-7843 / 97618-1690

Trechos da peça: http://youtu.be/Ar3_7vKZUDI

Morro como um país

Concepção cênica e dramática

Naquele ano, nenhuma mulher deu à luz. Foi assim nos anos seguintes, até que uma geração inteira acabou, sem que ao mundo viesse uma nova geração. (...) À exceção de algumas poucas numerosas reações violentas a esta calamidade devastadora, que muitos, mais tarde, designaram por Idade Média da Mátia [...] todos os outros, habituados à contenção, refreavam o seu desespero e só em privado davam voz às explosões do seu terror.

Dimitris Dimitriadis, *Morro como um país*

Fomos levados diretamente para a Oban. Eu vi que quem comandava a operação do alto da escada era o Ustra. Subi dois degraus e disse: 'Isso que vocês estão fazendo é um absurdo'. Ele disse: 'Foda-se, sua terrorista', e bateu no meu rosto. A primeira forma de torturar foi me arrancar a roupa. Lembro-me que ainda tentava impedir que tirassem a minha calcinha, que acabou sendo rasgada. [...] Me amarraram na cadeira do dragão, nua, e me deram choque no ânus, na vagina, no umbigo, no seio, na boca, no ouvido. Fiquei nessa cadeira, nua, e os caras se esfregavam em mim, se masturbavam em cima de mim. [...] Mas com certeza a pior tortura foi ver meus filhos entrando na sala quando eu estava na cadeira do dragão. Eu estava nua, toda urinada por conta dos choques. Quando me viu, a Janaína perguntou: 'Mãe, por que você está azul e o pai verde?'. O Edson disse: 'Ah, mãe, aqui a gente fica azul, né?'. Eles também me diziam que iam matar as crianças. Chegaram a falar que a Janaína já estava morta dentro de um caixão.

Amelinha Teles

É preciso romper o silêncio, refém ou cúmplice, frente ao genocídio.

Movimento Mães de Maio

O novo trabalho de pesquisa e intervenção da Kiwi Companhia de Teatro/Cooperativa Paulista de Teatro utiliza, como uma de suas referências, o texto literário *Morro como um país*, que dá nome ao projeto. Em 1978, quatro anos após o término da ditadura dos coroneis (1967-1974) – um dos períodos mais violentos e repressivos da história grega –, o escritor Dimitris Dimitriadis (nascido em Tessalônica em 1944), escreveu, em forma de relato, *Morro como um país*. O texto, entre o ficcional e o documental, faz o balanço e a crítica desta experiência, individual e coletiva, vivida pelo povo grego.

O trabalho cênico *Morro como um país*, no entanto, é uma discussão mais ampla sobre temas como os regimes de exceção, as violações de direitos, as ditaduras militares e civis, a supressão das garantias individuais e coletivas e o necessário processo de restauração da memória e da verdade, com a consequente aplicação de compensações e responsabilizações. Sob o ponto de vista formal, o trabalho continua respondendo ao desafio cênico de lidar com materiais considerados “não dramáticos”, regularmente utilizados pela Companhia, entre os quais podem ser citados textos científicos sobre a teoria da relatividade (*R*, montagem de 1997), as meditações filosóficas de Descartes (*Tudo o que você sabe está errado*, 2000/2001), os aforismos situacionistas de Guy Debord (*Teatro-mercadoria # 1*, 2006/2008) e as análises históricas de Michelle Perrot (*Carne*, 2008/2013).

Morro como um país concentra um conjunto de preocupações que dialogam com as propostas dos artistas, pensadores, ativistas e coletivos parceiros desta empreitada. Este último tema tem ganhado importância em razão do crescimento e da consolidação de grupos de teatro em São Paulo após a implementação da Lei de Fomento ao Teatro.

Nossos trabalhos mais recentes, em graus diferentes, têm procurado reunir quatro aspectos: material não convencional (raramente são utilizados textos de dramaturgia teatral), temas relacionados à formação social e à realidade do país, indagação cênica sobre os próprios processos criativos e parceria com coletivos artísticos e sociais.

Uma lenta transição

Na última década o Brasil percorreu parte do caminho de avaliação crítica do seu passado recente de autoritarismo. No entanto, as tentativas de apuração de crimes contra os direitos humanos têm sido interrompidas pela resistência de setores conservadores que disputam a interpretação sobre os fatos da ditadura civil-militar (1964-1985), ou que negam os direitos inalienáveis de memória, verdade e justiça. As polêmicas envolvendo a abertura de arquivos e a divulgação de documentos confidenciais exemplificam as dificuldades em passar a limpo este momento da história. A sentença proferida em novembro de 2010 pela Corte Interamericana de Direitos Humanos da OEA, condenando o Estado brasileiro em relação aos episódios da Guerrilha do Araguaia, é mais uma demonstração do atraso das políticas oficiais de apuração e penalização das violências cometidas durante o regime militar.

Conforme indica o grupo Tortura Nunca Mais/RJ a sentença da OEA obriga o Brasil a "remover todos os obstáculos práticos e jurídicos para a investigação dos crimes, esclarecimento da verdade e responsabilização dos envolvidos". Isto significa que "as disposições da Lei de Anistia, que impedem as investigações penais, não possam representar um obstáculo a respeito de todos os outros casos de mortos e desaparecidos políticos no Brasil". Passados vinte e cinco anos do fim da ditadura, a amnésia política e o descaso com as vítimas deste período não deveriam mais ser tolerados.

Diferente de outros países que passaram por regimes autoritários e de exceção, ou por graves crises sociais e políticas (África do Sul, Ruanda e Chade, por exemplo), e da totalidade dos países do cone sul (Argentina, Chile, Paraguai e Uruguai), o Brasil ainda não foi capaz de identificar e punir aqueles que cometeram crimes considerados imprescritíveis pelos organismos judiciais internacionais (sequestros, torturas, estupros, assassinatos e desaparecimentos políticos). A atualidade do tema é evidente, o debate em torno do Projeto de Lei que criou a Comissão Nacional da Verdade, recomendado pelo PNDH-3 (Programa Nacional de Direitos Humanos), recolocou na ordem do dia as reivindicações feitas há muitos anos por diferentes associações e movimentos da sociedade civil: Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos, Associação Juizes Para a Democracia, Comissão Justiça e Paz de São Paulo, Coordenação Brasileira de Anistia, Coletivo de Mulheres pela Verdade e Justiça, Fórum dos Ex-Presos e Perseguidos Políticos do Estado de São Paulo, Coletivo Merlin, Grupo Tortura Nunca Mais, Ministério Público Federal, Ordem dos Advogados do Brasil.

Entretanto, além da "luta por direitos humanos", é preciso incluir no âmbito da pesquisa e da criação artística, dimensões mais abrangentes, capazes de abordar os modelos de sociedade e de Estado gestados tanto nos períodos de "normalidade institucional", como em períodos considerados de exceção. Neste sentido, a luta pela garantia e ampliação dos direitos humanos pode, contraditoriamente, significar a redução do horizonte de ação.

Dada a grande desinformação sobre a história recente do país, período ditatorial incluso, serão organizadas ações voltadas especialmente para o público jovem. Estas

atividades se dirigirão prioritariamente para os jovens nascidos após 1989, ano da primeira eleição presidencial direta depois do período de arbítrio. Proposta semelhante foi posta em prática pela Companhia durante a temporada de *O bom selvagem* (2008).



Estudantes de ensino médio em *O bom selvagem*, dir. Fernando Kinas, 2008.

Tentando escapar, como escreveu Roland Barthes em relação ao *Círculo de giz caucasiano*, da «impostura dos bons sentimentos», *Morro como um país* revela processos sociais subjacentes a momentos cruciais da vida nacional e latino-americana (são feitas referências diretas aos regimes ditatoriais do Uruguai, Argentina e Chile). A reunião de material documental e ficcional, poético e analítico, permite a construção do experimento cênico final evitando a dimensão meramente lírica, ou catártica, que o tema pode induzir, sobretudo pelo recurso aos depoimentos e às descrições de violências. Procedimento semelhante foi utilizado pelo grupo em projetos anteriores, como *Carne* e *Teatro/mercadoria*, ambos apoiados pelo Programa de Fomento ao Teatro, ou ainda *O bom selvagem* (cujas referências incluíram textos de Bartolomé de las Casas, Montaigne e Rousseau, entre outros autores e fontes diversas). A natureza do texto de Dimitriadis, as técnicas de composição do roteiro e as opções de encenação da Companhia apontam para outra direção .

Trabalho colaborativo e opções estéticas

O trabalho colaborativo que vem sendo exercitado nos últimos anos, o acúmulo dos últimos projetos e a renovação de parcerias permitem que diversos elementos de linguagem, relacionados aos objetivos gerais do projeto, sejam reforçados. Neste sentido – tal como em trabalhos anteriores do grupo (*Carne*, *Teatro-mercadoria*, *O bom selvagem*, *Carta aberta*, *Titânio*, *Fragmento B3*) – são valorizadas estratégias

narrativas que, inspiradas pela matriz épico/dialética e pelo teatro documentário, ampliam as capacidades de produção de sentido por parte do público.



O bom selvagem, dir. Fernando Kinas, 2008.



Carta aberta, dir. Fernando Kinas, 1998/2007

Dramaturgicamente, o texto/roteiro partirá de várias fontes, que incluem o texto *Morro como um*

O roteiro parte de várias inspirações, que incluem *Morro como um país*, de Dimitris Dimitriadis, além de relatos, estatísticas, matérias jornalísticas, pesquisas, depoimentos, imagens e canções. Emprestamos, como é usual nos projetos da Companhia, contribuições das ciências, das artes populares e da filosofia.

A pesquisa musical inclui composições originais e músicas representativas do período da ditadura civil-militar brasileira, além de cânones (de Bach à Steve Reich), reforçando o conceito de repetição de padrões. Utilizadas como personagens, as músicas e canções cumprem um papel essencial na construção dramatúrgica da maioria dos trabalhos da Companhia.

O espaço cênico evita a separação rigorosa entre plateia e palco (procedimento utilizado, por exemplo, em *teatro/mercadoria # 1* e *Febre*). A concepção cenográfica aponta para opções próximas das criadas em *Fragmento B3*, que fazem o trânsito entre a descrição e a sugestão de ambientes, construindo um espaço indutor de ficção sem o recurso à ilusão cênica convencional.



Teatro/mercadoria # 1, dir. Fernando Kinas, 2008



Febre, dir. Fernando Kinas, 2008.

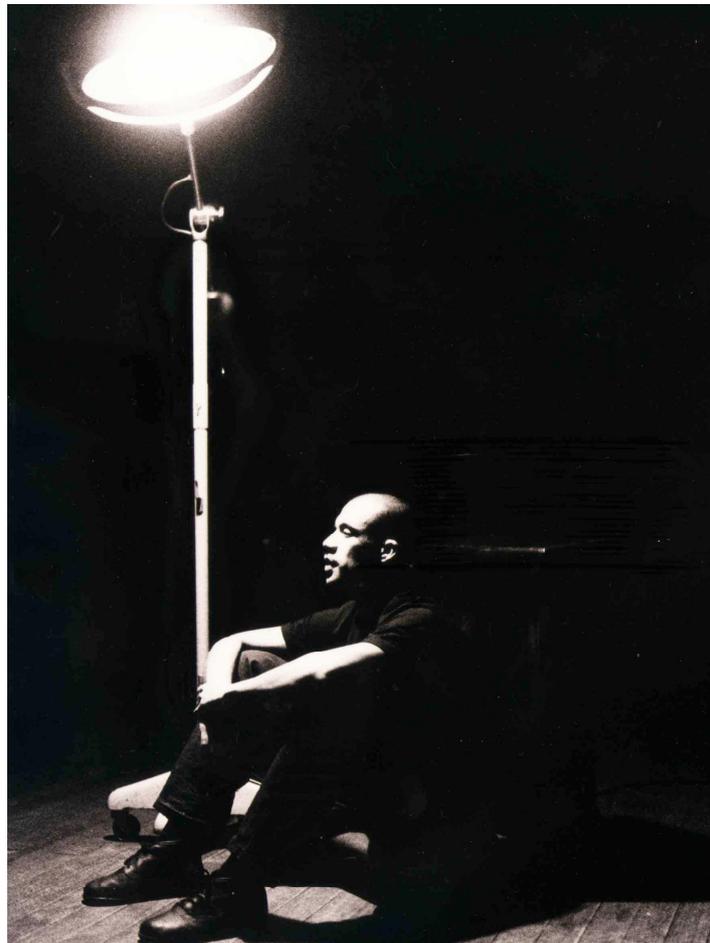


Fragmento B3, dir. Fernando Kinas, 2000.



Fragmento B3, dir. Fernando Kinas, 2000.

O desenho de luz, dando sequência à exploração de fontes alternativas de iluminação (como em *Um artista da fome*, que usou equipamento de luz para cirurgia), utiliza refletores de cinema luzes frias. O trabalho da fotógrafa e diretora de cinema Heloísa Passos foi determinante na concretização desta proposta. Ao perturbar a convenção, o efeito *desteatraliza* o evento cênico.



Um artista da fome, dir. Fernando Kinas, 1998.

Duas experiências em torno do projeto *Morro como um país* foram realizadas. A primeira na Escola Nacional Florestan Fernandes, em novembro de 2011, com a participação de lideranças comunitárias e coletivos teatrais. O trabalho explorou aspectos relacionados à privação da visão e à experiência de sujeição, utilizou publicações de órgãos de política política e inteligência, como o Manual Kubark,

produzido pela CIA em 1963. Esta experiência está documentada em vídeo acessível no endereço <http://www.youtube.com/watch?v=hGk8QZp5eEw>.

A segunda experiência reuniu artistas, intelectuais e parceiro-a-s do projeto (Defensoria Pública do Estado de São Paulo, Núcleo Pavanelli, Companhia Buraco do Oráculo, Isabel Loureiro, Paulo Arantes, Companhia Antropofágica e Instituto Rosa Luxemburgo).



EU SOU OS QUE FORAM

MORRO COMO UM PAÍS
CENAS SOBRE A VIOLÊNCIA DE ESTADO

DE 01 DE MARÇO A 28 DE ABRIL
sextas e sábados 20h
domingos 19h

INFORMAÇÕES E AGENDAMENTO
11 97178 7843 | 11 97618 1690
kiwiciadeteatro@gmail.com

TEATRO GRANDE OTELO - SÓTÃO
Alameda Nothmann, 233 (ao lado do Sesc Bom Retiro),
Estacionamento pago pela Alameda Dino Bueno, 353.

R\$ 10 INTEIRA
R\$ 5 ESTUDANTES, ACIMA DE 65 ANOS E CATEGORIA TEATRAL
ENTRADA GRATUITA PARA MOVIMENTOS SOCIAIS
(COM AGENDAMENTO PRÉVIO)

REALIZAÇÃO:
www.kiwiciadeteatro.com.br

PROJETO APOIADO PELO PROGRAMA DE FOMENTO AO TEATRO PARA A CIDADE DE SÃO PAULO 2012/2013

APOIO:
Cinecidade
maquina
Electrica

ESPAÇO:
TEATRO GRANDE OTELO
FOCO

MORRO COMO UM PAÍS

CENAS SOBRE A VIOLÊNCIA DE ESTADO

CICLO DE DEBATES
MARÇO E ABRIL DE 2013
ENTRADA GRATUITA

DOMINGOS
PEÇA: 19 HORAS
DEBATES: 20H30

TODOS OS ENCONTROS
ACONTECERÃO AOS
DOMINGOS, APOS A
APRESENTAÇÃO DO
TRABALHO CÊNICO
MORRO COMO UM PAÍS.
PEÇA: 19 HORAS
DEBATES: 20H30

17 DE MARÇO

VIOLÊNCIA DE ESTADO: ONTEM E HOJE.

ANGELA MENDES DE ALMEIDA
Integrante do Coletivo Merlino, referência ao jornalista e militante político torturado e assassinado no Doi-Codi em São Paulo em julho de 1971. É historiadora e pesquisadora. Coordena o Observatório das Violências Policiais - CEHAL (Centro de Estudos de História da América Latina), PUC-SP.

DOUGLAS BELCHIOR
Professor de história na Rede Pública de Ensino. É membro da Coordenação geral da UNEAto-Brasil e do Comitê de Luta Contra o Genocídio da Juventude Negra SP. UNEAto-Brasil é uma organização do Movimento Popular e Movimento Negro que articula uma Rede de Cursinhos Comunitários, voltados especialmente para a luta por educação em todos os níveis, acesso a universidade pública, gratuita e de qualidade e ao combate ao Racismo e todos os tipos de preconceito e discriminação.

24 DE MARÇO

DEBATE E LANÇAMENTO DO LIVRO A PERIFERIA GRITA,
ORGANIZADO PELO COLETIVO MÃES DE MAIO.

MÃES DE MAIO
Movimento que teve início após o assassinato de mais de 400 jovens na sequência dos ataques atribuídos ao Primeiro Comando da Capital (PCC), em maio de 2006, na cidade de São Paulo e na balçada santista. O movimento recebeu diversos prêmios de direitos humanos em reconhecimento da sua luta por justiça social e punição aos criminosos e violadores de direitos.

31 DE MARÇO

O PAPEL DAS COMISSÕES DA VERDADE. ATO DE PROTESTO
AO GOLPE CIVIL-MILITAR DE 1964.

IVAN SEIXAS
Coordenador da Comissão Estadual da Verdade do Estado de São Paulo e membro da Comissão de Familiares dos Mortos e Desaparecidos. Foi militante político durante a ditadura, preso e torturado no Doi-Codi.

AMELINHA TELES
Foi militante contra a ditadura, presa política e torturada em 1972 e 1973. É ativista histórica do movimento feminista e de direitos humanos. Idealizou e dirige a União de Mulheres de São Paulo. Integra a Comissão de Familiares dos Mortos e Desaparecidos Políticos e a Comissão Estadual da Verdade de São Paulo.

PARTICIPAÇÃO DE MEMBROS DA COMISSÃO DA VERDADE DA FACULDADE DE DIREITO DO LARGO SÃO FRANCISCO E DO FÓRUM ABERTO PELA DEMOCRATIZAÇÃO DA USP (COMISSÃO DA VERDADE).

07 DE ABRIL

ARTE, CULTURA E EXCEÇÃO.

PAULO ARANTES
Filósofo. Professor aposentado do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo. Foi editor da revista Discurso. Responsável pelas coleções Zero à Esquerda e Estado de Sítio da Editora Boitempo. É autor de uma vasta obra sobre a realidade social, política e cultural do Brasil.

MARCELO RIDENTI
Doutor em Sociologia (USP) e professor Titular de Sociologia na Universidade de Campinas. É especialista em temas como cultura, arte e política, esquerda brasileira e ditadura militar brasileira. É autor e organizador de diversos livros, entre os quais: Brasilidade revolucionária - um século de cultura e política; Em busca do povo brasileiro; artistas da revolução, do CPC à era da tv; O fantasma da revolução brasileira; Política pra quê?; O golpe e a ditadura militar, 40 anos depois, 1964-2004.

21 DE ABRIL

MÍDIA, DITADURA E VIOLÊNCIA INSTITUCIONAL.

ANDRÉ CARAMANTE
Repórter investigativo, atua com ênfase na área da Segurança Pública. Desde 2006 é repórter do caderno Cotidiano, do jornal Folha de S. Paulo. Desde 2002 escreve sobre cultura hip-hop para o Agora São Paulo. É autor do livro-reportagem Aqui Dentro - Páginas de Uma Memória: Carandiru. Ao longo de sua carreira, denunciou a existência de grupos de extermínio formados por policiais e ex-policiais em São Paulo. Em setembro de 2012 foi obrigado, junto com sua família, a sair do Brasil devido a ameaças de morte e tentativas de intimidação após a publicação de reportagem sobre o ex-chefe da Rota.

TATIANA MERLINO
Jornalista. Trabalhou no Jornal Brasil de Fato e na Revista Caros Amigos. Atualmente assessora a Comissão Estadual da Verdade de São Paulo. Integra o Coletivo Merlino, referência à Luz Eduardo Merlino, militante político e jornalista assassinado sob tortura durante a ditadura.

REALIZAÇÃO KIVI COMPANHIA DE TEATRO.
www.kiwiciadeteatro.com.br | kiwiciadeteatro@gmail.com
APOIO PROGRAMA DE FOMENTO AO TEATRO PARA A CIDADE DE SÃO PAULO.

Espetáculo expõe feridas da ditadura

“Morro Como um País” amplia discussão política ao evocar diversas formas de violência praticadas por órgãos de poder

Peça é baseada em texto homônimo do escritor e poeta grego Dimitris Dimitriadis sobre ação totalitária em seu país

GABRIELA MELLÃO
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Um relógio com mecanismo invertido sugere um contrassenso no tempo. O objeto que avança retrocedendo é uma das metáforas usadas na peça “Morro Como um País” para entrar em contradições de órgãos de poder público.

Escrito e dirigido por Fernando Kinas, o espetáculo estreia amanhã dando continuidade ao trabalho de pesquisa da Kiwi Companhia de Teatro, grupo habituado a fundir arte e política.

Composto por 33 cenas autônomas, o solo protagonizado por Fernanda Azevedo elega a ditadura como temática central, mas também evoca diversas outras formas de violência praticadas por governos de Estado.

O espetáculo nasce de uma mescla entre matérias de jornais e textos ficcionais sobre



A atriz Fernanda Azevedo em uma cena de “Morro Como um País”, espetáculo escrito e dirigido por Fernando Kinas

mentos de vítimas de repressão e músicas nacionalistas.

Tem como principal referência “Morro Como um País”, texto literário criado em 1978 por Dimitris Dimitriadis, escritor, autor teatral e poeta

sobres a ditadura grega entre 1967 e 1974, o livro descreve de modo metafórico a destruição total de um país.

A maneira da obra, a peça também lança um olhar político sobre a dura realidade das ditaduras. Recorre a dis-

cusão literal ao revisitar momentos conflituosos da história impregnando seu enredo de lirismo.

Segundo Kinas, tal abordagem permite maiores vozes reflexivas. Evidencia que a discussão é mais vasta do que o

tema da ditadura e convida a uma reflexão mais ampla sobre a violência política.

Entre os depoimentos reproduzidos por Azevedo, estão declarações de Ernesto Geisel reconhecendo a existência de crimes praticados

pelo governo militar, enquanto a atriz usa um elmo medievais sobre o cabeça. “Optamos em fazer referência à violência praticada na Idade Média para ampliar a discussão sobre o tema”, explica Kinas.

A atriz também toma para si uma fala do poeta e dramaturgo português Manoel de Melo, ex-priso político que ficou 11 anos encarcerado.

“Eu sou os que foram”, diz ela em cena, encardido o he nem atual como resultado de violência sofrida pela humanidade ao longo da história.

Segundo Kinas, não há uma carga emocional na apresentação. “A contundência se dá mais pela informação narrativa do que por cursos dramáticos convencionais”, diz ele.

Azevedo estreia à noite na Kwi. “Não temos as melhores para tudo, mas temos nos fazer as perguntas certas”, resume ela.

MORRO COMO UM PAÍS

QUANDO: seg. e sáb., às 20h, e dom., às 19h (de sábado à 28h)
ONDE: Teatro Grande Otelo (Cidade do Notthmann, 233)
TEL: (51) 3100.221-9878
QUANTO: R\$ 10
CLASSIFICAÇÃO: 14 anos

Folha de São Paulo - março 2013

dica do GUITA

Morro como um País | 55
A atriz Fernanda Azevedo está na nova montagem da Kiwi Companhia de Teatro

Morro como um País

Texto e direção: Fernando Kinas. Com: Fernanda Azevedo. 95 min. Não recomendado para menores de 14 anos.

Com referências ao texto homônimo escrito em 1978 pelo grego Dimitris Dimitriadis, a peça discute situações em que a ilegalidade tem aparência legal.

Liceu Coração de Jesus - teatro Grande Otelo - al. Notthmann, 233, Campos Eliseos, tel. 3221-3622. 54 lugares. Sex. e sáb.: 20h. Dom.: 19h. Até 28/4. Ingr.: R\$ 10. CC: todos. Estac. (R\$ 18). Ingr. p/ 4003-1212 ou www. Ingressorapido.com.br. | 8 | %

Espetáculo e debate sobre a Comissão da Verdade

Domingo, depois da apresentação do espetáculo *Morro como um País*, no Sítio do Teatro Grande Otelo, que tem início às 19h, haverá debate com o tema Arte, Cultura e Educação, na Alameda Notthmann, 233, Campos Eliseos (1307-0000). Ingressos: R\$ 10. O colóquio tem participação de Paulo Assarim e Marcelo Kiderit, ambos especialistas em cultura social e política brasileira.



Ilustração - Grupo dramático pesquisa com foco na reflexão política

Este é o quarto de uma série de cinco debates programados para a temporada, que vai até 28 de abril

O encontro integra o projeto da Kiwi Cia. de Teatro, com o objetivo de informar e conscientizar o público sobre a suspensão na Lei dos Direitos Humanos durante a ditadura militar.

Este é o quarto de uma série de cinco debates programados para a temporada, que vai até o dia 28.

Os encontros são sempre aos domingos, depois do espetáculo. O grupo já discutiu temas como violência de Estado e violência na periferia com foco na luta da Coletivo Mão de Mão. Os próximos temas serão *Mélio, Ditadura e Violência Institucional*, no dia 22, com André Camarante e Tatiana Medeiros.

Notícias

Ditadura militar é tema de espetáculo

O espetáculo “Morro como um país - Cenas sobre a violência de Estado”, que discute temas que incluem o conceito de "estado de exceção", a ditadura brasileira (1964-1985) e a violação aos direitos humanos, estreia hoje, 1º de março, no Teatro Grande Otelo, Sótão, Alameda Nothmann, 233, Bom Retiro, São Paulo SP. O projeto, organizado pela Kiwi Companhia de Teatro, teve duração de 14 meses e apoio do Programa de Fomento ao Teatro para a cidade de São Paulo. A Comissão da Verdade de São Paulo “Rubens Paiva” é, junto com movimentos sociais e organizações, colaboradora da iniciativa. Confira abaixo a entrevista com Fernando Kinas, diretor do espetáculo.

O que é o projeto Morro como um país- a exceção e a regra?

Morro Como Um País - A Exceção e a Regra é um projeto de reflexão e intervenção no campo da estética e da política, com duração de 14 meses - iniciado em maio de 2012 - que tem apoio do Programa de Fomento ao Teatro para a cidade de São Paulo. Ele inclui a realização de encontros, intervenções urbanas, seminários (A exceção e a regra e Organizar o escândalo), apresentação da montagem anterior do grupo, Carne, publicação de uma revista, entre outras atividades. O projeto foi elaborado e é desenvolvido pela Kiwi Companhia de Teatro (grupo com mais de 15 anos de existência). Diversas organizações e movimentos sociais, como o Coletivo Merlino, a Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos e a Comissão Estadual da Verdade, são interlocutores da Companhia.



Como surgiu a ideia de tratar os temas abordados pela iniciativa?

Todos os trabalhos do grupo respondem à necessidade de refletir e intervir na realidade do país, investigando temas sociais de relevância. Foi assim com projetos anteriores, que discutiram, por exemplo, a mercantilização dos bens simbólicos (Teatro/mercadoria) e a desigualdade de gênero (Carne). Diante do atraso do país na apuração e punição dos crimes da ditadura civil-militar, da persistência de crimes cometidos pelo Estado (como nos casos recentes envolvendo assassinatos cometidos pelas polícias civil e militar nas periferias) e das desigualdades crônicas do Brasil (sinalizadas, entre outros indicadores, pela brutal concentração de renda e pelos baixíssimos níveis de saúde e educação da maioria da população), tomou forma o projeto atual, que se debruçou sobre o conceito de "estado de exceção" e sobre as violações dos direitos humanos.

Qual é o objetivo da peça?

Fazer uma ampla investigação, ao mesmo tempo poética e documental, sobre diferentes formas de violência institucional, sobretudo as praticadas pelo Estado. Teve destaque a discussão sobre as ditaduras civil-militares latino-americanas e a persistência dos padrões de violência e desigualdade até os dias de hoje, exemplificada pela sistemática violação de direitos e pelo desequilíbrio social. Da escravidão clássica ao trabalho escravo atual, do roubo das matérias-primas durante o período colonial à divisão contemporânea do trabalho, do arbítrio da ditadura de Vargas e dos militares até o arbítrio da Lei Geral da Copa e das inúmeras exceções transformadas em regra, tudo é tema deste trabalho. Não nos escapa, também, o papel da indústria cultural na fabricação do consenso e manutenção do status quo.



Quais são as referências políticas e estéticas do trabalho?

A trajetória do grupo está ligada à tradição do teatro crítico, de inspiração marxista e brechtiana. A Companhia se inscreve na história de retomada do teatro de grupo paulistano, ocorrida no final dos anos 1990, que reivindicou para a arte um papel ativo no debate sobre grandes temas civilizacionais. Com grande regularidade, o grupo utiliza princípios e técnicas do teatro documentário, sobretudo aquele que se desenvolveu associado aos movimentos de contestação e revolta popular, como a revolução russa e as agitações dos anos 1960. Procura-se, ainda, integrar nos trabalhos tanto a herança de parte das vanguardas históricas europeias, como as reflexões e práticas do teatro contemporâneo, que recusa marcadores clássicos do teatro ocidental, como personagens, conflito entre subjetividades, progressão dramática etc.

Como foi e quanto durou a pesquisa para o trabalho?

Cada projeto resulta do acúmulo de experiências e de necessidades experimentadas pelo coletivo teatral, que por sua vez traduzem o período histórico mais geral em que todos estamos inseridos. Em sentido mais específico, cada projeto já está embutido no projeto anterior. Desde 2009 já existia a ideia de discutir, cenicamente, os temas que agora estão em pauta. A descoberta, neste mesmo ano,

de um texto com referências, ainda que indiretas, à ditadura dos coroneis na Grécia (1967-1974), permitiu que o projeto fosse tomando forma mais concretamente.



Há quanto tempo a companhia existe e em linhas gerais qual é a sua proposta de trabalho?

A Kiwi Companhia de Teatro surgiu em 1996. Nestes quinze anos produziu uma quinzena de montagens teatrais. Além das peças, o grupo realizou leituras dramáticas, organizou cursos, oficinas e debates sobre a encenação e a dramaturgia contemporâneas e eventos multiartísticos. Um dos objetivos do grupo responde à necessidade de, simultaneamente, fazer e pensar o teatro, contribuindo para a construção de pensamento crítico à respeito da sociedade brasileira. Depois de 15 anos de atuação, pode-se dizer que o grupo pesquisou formas e discursos teatrais, investigando os fundamentos materiais e históricos da própria ação artística do grupo: qual o sentido cultural, social e político da atuação dos grupos de teatro que resistem à mercantilização de seus processos criativos? Quais as perspectivas de atuação e as formas de resistência?

E simultaneamente investigou temas relacionados à formação social do país e da contemporaneidade (patriarcado, mercantilização, consumo, espetáculo, xenofobia, capitalismo etc.). Há uma aposta na ampliação do espaço de reflexão e crítica através de ações múltiplas (apresentações teatrais, debates, publicações, projeções, encontros festivos, intervenções urbanas, cursos, oficinas, performances...). Nós reconhecemos a necessidade de ampliação do diálogo com o público e de um teatro com vocação crítica, portanto, não nos basta fazer o chamado teatro de pesquisa, é necessário também debatê-lo antes, durante e depois dos processos de criação.

*Por Tatiana Merlino, jornalista da assessoria da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo
"Rubens Paiva"*

'Morro Como Um País' retoma questões da ditadura

Jefferson Del Rios, especial para AE



A ditadura instaurada em 1964 fez também do teatro uma de suas vítimas. Censurou, prendeu, torturou quando não assassinou artistas como a diretora teatral Heleny Guariba. *Morro Com um País*, de Fernando Kinas e Fernanda Azevedo, é um dos ecos destes fatos que voltam do palco 50 anos depois. Como todas as ditaduras são aparentadas, o texto incorpora as tiranias da antiguidade e as recentes da América Latina e Europa.

O texto base da representação é do grego Dimitris Dimitriadis sobre o regime militar (1967- 1977) na terra que é o berço do teatro ocidental. Os gregos resistiram como seus heróis míticos. Em uma manifestação em Paris, em 1973, Mikis Theodorakis, compositor conhecido pela trilha de *Zorba*, de Michael Cacoyannis, explicou em francês à multidão presente ao Palácio dos Esportes o significado da sua música. À medida que cantava em seu idioma, foi adquirindo uma eloquência sofrida para terminar como em um verdadeiro discurso. Todos entenderam tamanha indignação.

A encenação paulista alterna a narrativa explicativa do teatro político (Brecht) com o impacto silencioso de Fernanda Azevedo despir-se de camisetas superpostas, cada uma com a foto de uma vítima da repressão. Esta atriz de luminosos olhos azuis domina as nuances da denúncia, dor, ódio e ironia. Como efeito de distanciamento didático, coloca-se ora como personagem ora como ela própria, ao dizer o ano em que nasceu (o exilado Theodorakis cantava na França) e assim estabelecer paralelos entre si e as veias abertas do Cone Sul onde a cumplicidade de ditaduras (Brasil, Uruguai, Argentina, Chile) produziu, entre outras coisas, sequestros para a troca clandestina de opositoristas e a prisão e desaparecimento no centro de Buenos Aires do pianista brasileiro Tenório Jr. Lá estava em shows com Vinicius de Moraes e Toquinho.

O espetáculo escapa ao panfleto direto embora esteja implícita a adesão aos que se insurgiram pela força contra os que desmandaram no país entre 1964 e 1985. Não há a dialética brechtiana de se discutir se a luta armada foi um equívoco a partir da brutalidade do regime e a inércia do Partido Comunista de onde saiu parte dos quadros da futura guerrilha urbana e rural.

Morro Com um País é um grito e uma cobrança de revisão da Lei de Anistia. Atitude firme e artisticamente bem feita. Obra ideológica reiterando que, enfim, as cartas começam a ser postas na mesa. Um ex-militante da esquerda, o hoje parlamentar Alfredo Sirkis, admitiu em artigo recente na imprensa que, no combate que ele e companheiros empreenderam, "alguns limites foram ultrapassados". Limites de sangue.

Ao mesmo tempo, a impassibilidade de um ex-comandante do DOI-CODI isentando-se de qualquer culpa nessa máquina de horror faz pensar na Argentina que reviu a Anistia e colocou generais ditadores em prisão.

Morro Com um País e o que mais que se promover no meio cultural neste cinquentenário penoso é - para se usar uma expressão corrente nos quartéis - colocar na Ordem do Dia o que se pode acertar na Anistia nas circunstâncias de 1979 e o que não ficou resolvido. Em todos lugares, há sempre algo sinistro que reaparece. Um exemplo próximo: a Diretoria Nacional de Direitos Humanos do Ministério da Defesa da Argentina (atenção: Ministério da Defesa) descobriu e não escondeu um documento que detalha os "voos da morte" quando as vítimas recebiam a injeção anestésica, eram envolvidas em nylon e atiradas de avião no Rio da Prata.

Um teatro com esta preocupação, leva sua avaliação para além do campo estético. A Kiwi Companhia de Teatro se anuncia como um grupo empenhado na construção de pensamento crítico a respeito da sociedade. A inventividade e conhecimento amadurecido do ofício do diretor Fernando Kinas encontra em Fernanda Azevedo sua intérprete perfeita (talento dramático e domínio técnico de voz, respiração e corpo) juntamente com uma equipe criativa e em sintonia (mesmo com precariedade nas imagens e um boneco pouco expressivo no contexto) Não há lamentos discursivos e nem se trabalha na linha depressiva. É algo épico e a mensagem, clara: o passado abandonado jamais se torna passado. As informações são do jornal **O Estado de S. Paulo**.

Número UM

BRASÍLIA, 7 A 13 DE JUNHO DE 2014

4 Número UM | JORNAL DA COMUNIDADE | BRASÍLIA, 7 A 13 DE JUNHO DE 2014

Cultura

Ditadura militar em foco

Após segunda temporada paulistana, apresentações no Rio de Janeiro e no Nordeste (Fortaleza, região do Cariri e João Pessoa), chega a Brasília a peça *Morro como um país*, trabalho que dialoga com vários públicos – aqueles que estiveram diretamente envolvidos na luta contra a ditadura e outros que dispõem de escassas informações.

Inspirado no teatro documental, em Brecht e em técnicas do diretor russo Meierhold, a montagem utiliza depoimentos, análises históricas, canções e imagens para investigar o conceito de “estado de exceção”, a violação aos direitos humanos, o papel da arte nas sociedades atuais e as consequências da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985) na vida do país. O tema é especialmente atual, considerando as recentes mobiliza-



ções de rua e o fato de que, em 2014, a Comissão Nacional da Verdade finaliza seus trabalhos e o golpe de Estado no Brasil completa 50 anos.

Além de depoimentos de ex-presos políticos das ditaduras civil-militares na América Latina, fazem parte do roteiro trechos da novela *Morro como um país*, que dá nome ao projeto, do autor grego Dimitris Dimitriadis (nascido em 1944), e retrata

um dos períodos mais violentos e repressivos da história grega. Na presente montagem, o material literário de Dimitriadis serve como ponto de partida para a investigação de diferentes formas de opressão e exploração, em diversas épocas e lugares. Dias 7 e 8 de junho; sábado, às 21h, e domingo, às 20h, no Teatro I do CCBB (SCES, trecho 2). NÃO RECOMENDADO PARA MENORES DE 16 ANOS.

O GLOBO

| Segundo Caderno |

Artes Cênicas

LUIZ FELIPE REIS

5 minutos com Fernanda Azevedo

A violência do Estado

Vencedora do prêmio Shell paulista de 2013 de melhor atriz, Fernanda Azevedo está no Rio com o solo "Morro como um país", de hoje a sexta-feira, na Sede das Cias (veja na agenda abaixo). A obra investiga os regimes ditatoriais e a violência do Estado.

• Como surgiu o projeto?

Eu, o (*diretor*) Fernando Kinas e os integrantes do grupo (*Cia. Kivi*) investigamos a violência, os regimes políticos e a história do país há alguns anos, e essa peça partiu de uma cena de outra, "Carne", que abordava a violência contra a mulher, a partir do depoimento de militantes.

• Qual é o centro dessa investigação?

Discutir a violência praticada pelo Estado e o estado de exceção. A ditadura do Brasil e dos países latinos é exemplar, assim como a ditadura dos coronéis, que houve na Grécia na mesma época. O título da peça vem de um livro escrito por Dimitris Dimitriadis, que é um relato poético de como o povo grego viveu. Em cena, unimos trechos desse livro, documentos, vídeos e músicas. •



Atriz faz protesto contra multinacional petrolífera ao receber prêmio Shell

GUSTAVO FIORATTI
DE SÃO PAULO

19/03/2014 @ 01h11

[f](#) Compartilhar [g+](#) [in](#) [✉](#) 243 [🔊](#) OUVIR O TEXTO [+](#) Mais opções

Após receber o prêmio Shell por sua atuação em "Morro como um País - Cenas sobre a Violência de Estado", nesta terça-feira (17), a atriz Fernanda Azevedo fez um breve protesto contra a multinacional petrolífera que apoia a premiação.

Com o troféu em mãos, ela leu trecho de um texto do escritor uruguaio Eduardo Galeano, autor do livro "As Veias Abertas da América Latina". "No início de 1995", disse Fernanda, em referência ao texto, "o gerente geral da Shell na Nigéria explicou assim o apoio de sua empresa à ditadura militar nesse país: para uma empresa comercial, que se propõe a realizar investimentos, é necessário um ambiente de estabilidade. As ditaduras oferecem isso."

PUBLICIDADE

folhashop

HP SmartCalc: 300s Ci...
à vista
R\$ 168,99

Magazine Luiza



Ganhadora do prêmio Shell, Fernanda Azevedo, por 'Morro Como um País - Cenas Sobre a Violência de Estado'

A decisão de fazer o discurso foi tomada pela Kiwi Companhia, da qual Fernanda faz parte. O grupo encenou "Morro Como um País" a partir de um estudo sobre contradições cometidas por regimes ditatoriais.

Não é a primeira vez que um grupo de teatro faz um protesto durante a premiação do Shell. Em 2011, após serem premiados, integrantes do coletivo Dolores Boca Aberta Mecatrônica de Artes jogaram óleo sobre suas cabeças.

★ ★ ★

Morro como um país

Ficha Técnica

Realização: Kiwi Companhia de Teatro/Cooperativa Paulista de Teatro

Roteiro e direção geral: Fernando Kinas

Elenco: Fernanda Azevedo

Cenário: Júlio Dojcsar

Figurino: Maitê Chasseraux

Iluminação: Heloísa Passos

Pesquisa e música original: Eduardo Contrera

Pesquisa e criação de imagens: Fernando Kinas e Maysa Lepique

Treinamento musical: Luciana Fernandes e Armando Tibério

Direção de produção: Luiz Nunes

Assistência de produção: Dani Embón

Programação visual: Paulo Emílio Buarque Ferreira e Camila Lisboa

Operação de luz: Taty Kanter

Operação de som: Luis Henrique Soares

Histórico do Grupo

Trajetória Kiwi Companhia de Teatro 1996-2013

A Kiwi Companhia de Teatro surgiu em 1996. Ela é responsável por montagens teatrais e leituras dramáticas (a partir de autore-a-s como Heiner Müller, Samuel Beckett, Franz Kafka, Hilda Hilst, Elfriede Jelinek, Julio Cortázar e Martin Crimp), além de experiências cênicas e intervenções urbanas; organizou cursos, oficinas, eventos multiartísticos e debates; recentemente produziu um documentário de longa-metragem a partir do projeto *Carne – Patriarcado e capitalismo* e o caderno de estudos *Contrapelo*, a partir do projeto *Morro como um país – A exceção e a regra*. O grupo procura elaborar um pensamento crítico sobre o teatro, contribuir para a compreensão de temas contemporâneos e intervir artística e politicamente na vida social do país, em geral associado a movimentos sociais e populares.

A formação atual do grupo reúne colaboradores fixos e convidados: Fernanda Azevedo, Fernando Kinas, Luiz Nunes, Mônica Rodrigues, Daniela Embón, Luciana Rodrigues, Eduardo Contrera e Maysa Lepique. Vários artistas estão vinculados à trajetória do grupo: Heloísa Passos, Taty Kanter e Nadja Flügel (iluminadoras), Demian Garcia (músico e sonoplasta), Camila Lisboa e Paulo Emílio (criadores visuais), Clóvis Inocêncio (ator), Júlio Dojcsar e Fernando Marés (cenógrafos), Fabio Salvatti (diretor), Gavin Adams (pesquisador de imagens), Maitê Chasseraux (figurinista), Marina Willer (direção de arte) e Marie Ange Bordas (artista plástica e fotógrafa).

Os trabalhos da Companhia têm sido apresentados em diversas cidades do país. O grupo também participou de festivais e encontros de teatro e

performance no Brasil e no exterior (Bogotá, Los Angeles, Recife, São José do Rio Preto, Rio de Janeiro, Curitiba, Florianópolis, Belém do Pará, entre outros).

Em 2007 a Companhia foi selecionada pelo Programa de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo com o projeto *Teatro/mercadoria – Espetáculo e miséria simbólica*, que incluiu apresentações teatrais, oficinas, debates e a realização de dois eventos multiartísticos. Ainda em 2007 a Companhia mostrou parte do seu repertório na Mostra Sesc de Artes. As atividades incluíram três peças e três processos de trabalho, seguidos de debates. Neste mesmo ano participou do evento *Conhecimento e cultura livres*, realizado nas zonas leste e norte de São Paulo, com apoio do Ministério da Cultura.

Em 2008 a Companhia representou o Brasil no Seminário Internacional de Performance e Feminismo *Actions of Transfer – Women's performance in the Americas*, organizado pela Universidade da Califórnia (UCLA), Estados Unidos. O grupo produziu o documentário *Actions of Transfer – O olhar brasileiro*, em parceria com as Atuadores e com apoio da Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres.

Em agosto de 2009 a Kiwi Companhia de Teatro apresentou em Bogotá (Colômbia) a performance *Carne – Histórias em pedaços* no 7º Encuentro Ciudadanias en cena, organizado pelo Instituto Hemisférico de Performance y Política.

Com o projeto *Carne – Patriarcado e capitalismo*, o grupo foi novamente contemplado pelo Programa de Fomento ao Teatro para a cidade de São Paulo. Foram realizadas atividades em todas as regiões da cidade entre maio de 2010 e agosto de 2011. A parte cênica deste projeto foi apresentada mais de 120 vezes e integra o repertório da Companhia.

No final de 2011 a Companhia recebeu o Prêmio Myriam Muniz com o projeto *Carne* para realizar apresentações e debates, além de organizar uma mostra de filmes e oficinas teatrais no Estado do Pará (Belém, Marabá e Parauapebas) e no interior do Estado de São Paulo.

Em 2012 o grupo recebeu pela terceira vez o apoio do Programa de Fomento ao Teatro e realizou o projeto *Morro como um país – A exceção e a regra*.

Após trabalhar como residente em diferentes teatros, a Companhia fixou sua sede na rua Frederico Abranches, 189, na região central de São Paulo.

Montagens

- *Morro como um país*, textos de Dimitris Dimitriadis, Edward Bond, Mauricio Rosencof, Alípio Freire e outro-a-s autore-a-s, 2013.
- *Carne*, textos de Michelle Perrot, Elfriede Jelinek e outro-a-s autore-a-s, 2007/2013.
- *Teatro/mercadoria #1*, textos de Guy Debord e outro-a-s autore-a-s,

- 2006/2008.
- *Linha*, de Israel Horovitz, 2006.
 - *O bom selvagem*, textos de Jean-Jacques Rousseau e outro-a-s autore-a-s, 2006.
 - *Casulo*, de Fernando Kinas, 2006.
 - *Titânio*, textos de Elizabeth Bishop, Pier Paolo Pasolini e outro-a-s autore-a-s, 2004.
 - *Mauser/manifesto*, textos de Heiner Müller e Karl Marx, 2002.
 - *Fragmento b3*, textos de Samuel Beckett e Edward Bond, 2001.
 - *Osmo*, de Hilda Hilst, 2000.
 - *Tudo o que você sabe está errado*, textos de René Descartes e outro-a-s autore-a-s, 2000/2001.
 - *Carta aberta*, de Denis Guénoun, 1998/2007.
 - *Um artista da fome*, de Franz Kafka, 1998.
 - *R*, textos de Albert Einstein e outro-a-s autore-a-s, 1997.
 - *Valsa nº 6*, de Nelson Rodrigues, 1996.

Leituras dramáticas e experiências cênicas

- *Morro como um país* (2011), a partir de Dimitris Dimitriadis.
- *Os autonautas da cosmopista* (2008), de Julio Cortázar.
- *Atentados à sua vida* (2007), de Martin Crimp.
- *Ruanda* (2007), roteiro e direção de Fabio Salvatti.
- *Eu quero ser superficial* (2005/2007), de Elfriede Jelinek.
- *Uma noite no teatro* (2002), de Michel Deutsch.
- *Auto da barca de Camiri* (2000), de Hilda Hilst.
- *Fragmento para teatro II* (2000), de Samuel Beckett.
- *Kafka rindo* (1997), textos de Franz Kafka.

Objetivos gerais da Kiwi Companhia de Teatro

- Realizar montagens teatrais que coloquem em cena as reflexões elaboradas durante os períodos de estudo. Para isso é preciso criar espaços de análise e investigação permitindo que, através de processos criativos e de debates públicos, surjam obras artísticas (peças, intervenções de rua, leituras dramáticas).
- Estabelecer, ou ampliar, parcerias com organizações da sociedade civil e movimentos populares e sociais.
- Organizar debates públicos, oficinas, publicações e seminários sobre os temas dos projetos desenvolvidos. Garantir a perenidade da pesquisa, isto é, a formação contínua do grupo e do público.
- Multiplicar as formas de interação com o público: oficinas, projeção de filmes, leituras dramáticas, rodas de conversa, favorecendo a criação de redes de participação e ação.
- Manter o respeito profissional, garantindo boas condições de trabalho e remuneração adequada dos envolvidos, praticando preços baixos ou a gratuidade das atividades.

Currículos da equipe artística

Fernanda Azevedo

Atriz

Atriz, produtora e arte educadora com passagem pela Faculdade Paris X - Nanterre, França. Integrante da Kiwi Companhia de Teatro/Cooperativa Paulista de Teatro participou como atriz em diversos espetáculos, ministrou oficinas em diversos Estados brasileiros e representou o Brasil em encontros e mesas de debates internacionais (na UCLA, Los Angeles; em Bogotá, Colômbia e no Fórum Social Mundial em Caracas, Venezuela). Na área de mídia-educação foi apresentadora dos programas educativos da Tv\MultiRio (Secretaria Municipal de Educação RJ) e atriz no programa "Globo Ciência" (Tv Futura). Foi integrante do Conselho Administrativo da Cooperativa Paulista de Teatro (2011/13).

Fernando Kinas

Roteirista e diretor

Doutor em Teatro pela Universidade de São Paulo – USP e pela Universidade Sorbonne Nouvelle, Paris 3. Trabalha como professor, diretor e pesquisador teatral. Diretor da Kiwi Companhia de Teatro desde 1996. Dirigiu diversos trabalhos teatrais, entre eles "R", "Um Artista da Fome", "Tudo que você sabe está errado", "Carta Aberta", "Teatro/mercadoria #1", "Bom selvagem", "Carne" e "Morro como um país". Co-dirigiu vários filmes experimentais e o documentário "Cartas da Mãe", sobre o cartunista Henfil (vencedor de vários prêmios). Foi colaborador da Revista "Bravo!" e tem vários artigos publicados (Revistas Vintém, Sala Preta, Cena e Urdimento, entre outras).

Luiz Nunes

Produtor e assistente de direção

Diretor, produtor e integrante da Kiwi Companhia de Teatro desde 2007. Como diretor realizou diversas montagens dos cursos de Teatro do TUCA e das oficinas de teatro de Diadema. Como produtor, foi responsável pela "Mostra Sesi de Dramaturgia Contemporânea" (2005), por diversas produções do do Centro Cultural Banco do Brasil: os Seminários "Dramaturgias" (São Paulo, 2002/04), "Cronicamente Viável" (São Paulo, desde 2006), "Psicanálise e Literatura" e "Arte/Inconsciente" (São Paulo e Brasília, 2008/09) e "Jornalismo" (em 2009 no Rio de Janeiro e depois produzido em mais 16 capitais do Brasil), além dos espetáculos Borghi em Revista" e "Arsênico e Alfazema", entre outros.

Júlio Dojcsar
Cenógrafo

Grafeiro, cenógrafo e figurinista. Desenvolve seu trabalho com base em intervenções urbanas e seus desdobramentos em outras mídias (teatro, vídeo e instalações). Fundador do Núcleo Bartolomeu de Depoimentos; integrante do coletivo Casadalapa e da Frente 3 de Fevereiro (onde desenvolveu intervenções na Copa da Cultura em Berlim, 2006 e integrou o fórum de artes públicas em Johannesburgo, 2008); parceiro da Cia São Jorge de Variedades (representando o Brasil na Quadrienal de cenografia de Praga e recebendo o Prêmio Shell de Melhor Figurino, 2008), do grupo Pia Fraus e da Kiwi Companhia de Teatro.

Heloísa Passos
Iluminadora

Trabalha com cinema e fotografia desde o final dos anos 80. Recebeu diversos prêmios nacionais e internacionais, entre eles, melhor Fotografia no Festival de Cinema do Rio 2009, melhor Fotografia no Festival de Cinema de Gramado 2008, melhor cinematografia no Sundance Film Festival 2007 e melhor direção no Cine Ceará 2006. Fotografou a instalação "Ah, Se tudo fosse sempre assim" para a 26ª Bienal de São Paulo. Em 2006 lançou o livro de fotografias "Desdobramento". É membro da Associação Brasileira de Cinematografia e faz parte da Sambaphoto.

Maysa Lepique
Criação de imagens

Atriz, videoartista e fotógrafa. Idealizadora do coletivo Atuadoras e co-autora do livro "Peça para mulheres - História e poesias do espetáculo teatral mulher a vida inteira"; participou do Conselho Administrativo da Cooperativa Paulista de Teatro (2009/13); idealizadora e fotógrafa da vídeo instalação INTolerância (casaladapa SP 2009); diretora e fotógrafa do filme Uma ou todas nós (Amazonas 2008); produtora de elenco do longa metragem A Festa da Menina Morta, de Matheus Nachtergaele (2009); atriz e produtora do Núcleo Bartolomeu de Depoimentos (2001/06); co realizadora do documentário Actions of Transfer - Women's Performance in the Americas (Los Angeles 2008).

Eduardo Contrera
Música original

Percussionista e compositor com mais de vinte anos de experiência em diversos gêneros, notadamente o candomblé e o improvisado. Tocou com vários artistas e grupos: Edson Cordeiro, Osvaldinho do Acordeon, Sá e Guarabira, Rita Ribeiro, Mônica Salmaso, Aziza Mustapha Zadeh, Barre Phillips, Antonio

Fagundes e CIA Estável de Repertório, Ponkan, Klaus Vianna, Parlapatões e Pia Fraus. Integrou, com os percussionistas Paraná e Guello, o "Alaiandê", trio que desenvolveu uma linguagem contemporânea a partir dos ritmos afro-brasileiros. Atualmente tem um duo de improvisação com o violoncelista Dimos Goudaroulis.

Maitê Chasseraux
Figurista

Figurista e desenhista de moda. Responsável pelos figurinos dos longas-metragem: Bellini e o Demônio (de Marcelo Galvão 2006), Fim da Linha (de Gustavo Steinberg 2005), Milagres (de Felipe Rigueiro 2004), Jardim Europa (de Mauro Baptista 2004), entre outros. Concebeu figurinos para os espetáculos teatrais: A Festa de Abgail (de Mauro Baptista 2007), Camino Real (de Nelson Baskerville 2007), Linha (de Fernando Kinas 2006), Brutal (de Jairo Matos), A Hora Em Que Não Sabíamos Nada Uns Dos Outros (Seleção Oficial Festival Internacional de Teatro de Cuba), entre outros. Atualmente trabalha como figurista e aderecista na TV Band SP.

MORRO COMO UM PAÍS
ILUMINAÇÃO TEATRO / HELOISA PASSOS
Kiwi Companhia de Teatro

MESA DE LUZ DE 24 CANAIS

CANAL 1 - DEPOIMENTO : 1 Fresnel de 1000w c/ difusor (terkron) + tripé de 3 estágios.

CANAL 2 – DEPOIMENTO: 1 Fresnel de 1000w c/ difusor (terkron).

CANAL 3 - RELOGIO: 1 elipsoidal ETC 750w, zoom com iris.

CANAL 4 - LUZ MEMORIAL : 4 pendentes dicroica com bocal e fiação. (kiwi)

CANAL 5 - BATERIA: 1 pendente lâmpada bulbo 60w com bocal e fiação. (kiwi)

CANAL 6 - BATERIA: 1 PC 1000w.

CANAL 7 - FUNDO: 02 Elipsoidais de 1000w cada.

CANAL 8: CAMARIM: 8 lâmpadas de 15w. (kiwi)

CANAL 9 - PORTA CAMISETA: 2 lâmpadas pendente com bocal e fiação. (kiwi)

CANAL 10 – MANEQUIM: 1 Fresnel de 500w ou 1000w.

CANAL 11 - CADEIRA ATRÁS e/ou um GENERAL: 1 Fresnel de 500w ou 1000w.

CANAL 12- I CAN SEE CLEARLY NOW (FINAL): 8 Par 64 foco 2.

CANAL 13 – LATERAIS: 2 PC de 1000w cada.

CANAL 14 – GERAL FUNDO: 5 PC de 1000w com gelatina ½ azul e difusor

GERAL 15 – GERAL MEIO: 5 PC de 1000w com gelatina ½ azul e difusor

GERAL 16 – GERAL FRENTE 1: 5 PC de 1000w com gelatina ½

azul e difusor

GERAL 17 – GERAL FRENTE 2: 2 Fresnel de 1000w com gelatina
½ azul e difusor

GERAL 18 – PLATÉIA: 3 set Light de 1000w

MESA 2 DISJUNTORES (cenográfica)

DISJUNTOR 1 VERDADE: backlight (caixa de luz)

DISJUNTOR 2 MENTIRA: backlight (caixa luz)

RESUMO (excetuando material fornecido pela Companhia):

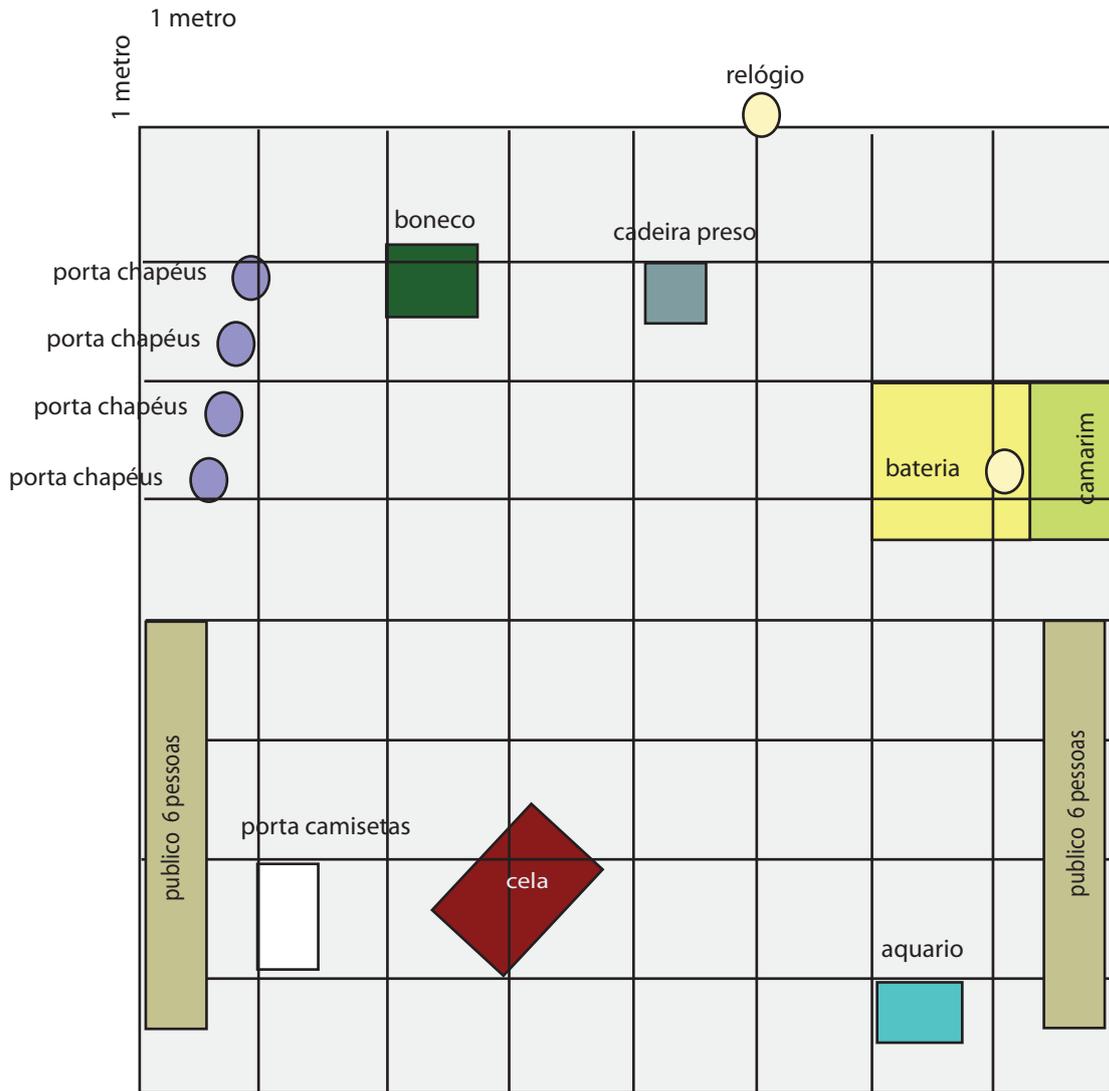
6 Fresneis de 1000w
1 elipsoidal ETC 750w (zoom com íris)
2 Elipsoidais de 1000w
18 PC 1000w
8 Par 64 foco 2
3 set Light de 1000w
1 tripé de 3 estágios (mínimo 2,5 metros)

kiwiciadeteatro@gmail.com

www.kiwiciadeteatro.com.br

planta baixa Morro como um país

dimensão do palco 8 metros de largura por 8 metros de profundidade



porta chapéus 0,40



porta camisetas 0,50x 1,20



aquario 0,50 x 0,70



boneco 0,60 x 0,50



cadeira preso 0,50 x 0,50



bateria 1,30 x 1,30



camarim 1,30 x 0,60



cela 0,80 x 1,20



publico 09 pessoas
0,50 x 4,50



**A FOME DE
JUSTIÇA
NOS FAZ
HUMANOS**